

Capítulo VI

ALGUMAS PERSPECTIVAS PASTORAIS *(n.199-258)*



AMORIS LAETITIA
SOBRE O AMOR NA FAMILIA

Os debates sinodais apontaram a necessidade de desenvolver novos caminhos pastorais...

**A elaboração das propostas mais práticas e eficazes caberá às diferentes comunidades,
que tenham em conta:**

- a doutrina da Igreja**
- as necessidades e desafios locais**

O Papa não pretender apresentar aqui uma pastoral da família, mas apenas alguns dos principais desafios pastorais. (AL 199)

1. ANUNCIAR HOJE O EVANGELHO DA FAMÍLIA

As famílias cristãs são, pela graça do sacramento nupcial, os sujeitos principais da pastoral familiar, sobretudo oferecendo «o testemunho jubiloso dos cônjuges e das famílias, igrejas domésticas».

Igreja quer chegar às famílias, com o desejo de «acompanhar todas e cada uma delas a fim de que descubram a saída melhor para superar as dificuldades que encontram no seu caminho». (AL 200)

Não basta inserir uma genérica preocupação pela família nos grandes projetos pastorais... requer-se «um esforço evangelizador e catequético dirigido à família», que a encaminhe nesta direção. (AL 200)

Exige-se de toda a Igreja uma conversão missionária: não se contentar só com um anúncio puramente teórico e desligado dos problemas reais das pessoas».

A pastoral familiar é resposta às expectativas mais profundas da pessoa humana: a sua dignidade e plena realização na reciprocidade, na comunhão e na fecundidade.

Não se trata apenas de apresentar uma normativa, mas de propor valores, correspondendo à necessidade deles...

A evangelização da pastoral familiar deve denunciar, os condicionalismos culturais, sociais, políticos e econômicos, bem como o espaço excessivo dado à lógica do mercado, que impedem uma vida familiar autêntica, gerando discriminação, pobreza, exclusão e violência.

Para isso, temos de entrar em diálogo e cooperação com as estruturas sociais, bem como encorajar e apoiar os leigos que se comprometem, como cristãos, no âmbito cultural e sociopolítico». (AL 201)

«A principal contribuição para a pastoral familiar é oferecida pela paróquia, que é uma família de famílias, onde se harmonizam os contributos das pequenas comunidades, movimentos e associações eclesiais».

A par duma pastoral especificamente voltada para as famílias, há necessidade duma «formação mais adequada dos presbíteros, diáconos, religiosos e religiosas, catequistas e restantes agentes pastorais».

Nas respostas às consultas promovidas em todo o mundo, ressaltou-se que os ministros ordenados carecem, habitualmente, de formação adequada para tratar dos complexos problemas atuais das famílias; para isso, pode ser útil também a experiência da longa tradição oriental dos sacerdotes casados. (AL 202)

Os seminaristas deveriam ter acesso a uma formação interdisciplinar mais ampla sobre namoro e matrimônio, não se limitando à doutrina.

É importante que as famílias acompanhem todo o processo do Seminário e do sacerdócio, pois ajudam a revigorá-lo de forma realista.

«A presença dos leigos e das famílias, particularmente a presença feminina, na formação sacerdotal, favorece o apreço pela variedade e complementaridade das diferentes vocações na Igreja». (AL 203)

Há a necessidade de formar agentes leigos de pastoral familiar, com a ajuda de psicopedagogos, médicos de família, médicos de comunidade, assistentes sociais, advogados de menores e família, predispondo-os para receber as contribuições da psicologia, sociologia, sexologia e até aconselhamento. Os profissionais, particularmente aqueles que têm experiência de acompanhamento, ajudam a encarnar as propostas pastorais nas situações reais e nas preocupações concretas das famílias.

Os cursos de formação destinados especificamente aos agentes pastorais são necessários.

Tudo isto em nada diminui, antes integra, o valor fundamental da direção espiritual, dos recursos espirituais inestimáveis da Igreja e da Reconciliação sacramental. (AL 204, 211)

2. GUIAR OS NOIVOS NO CAMINHO DE PREPARAÇÃO PARA O MATRIMONIO

Os Padres sinodais afirmaram, de várias maneiras, que é preciso ajudar os jovens a descobrir o valor e a riqueza do matrimonio.

Aprender a amar alguém não é algo que se improvisa, nem pode ser o objetivo dum breve curso antes da celebração do matrimonio. (AL 205)

É muito importante a preparação próxima e remota ao sacramento do matrimonio.

A exigência dum maior envolvimento de toda a comunidade, privilegiando o testemunho das próprias famílias, e a exigência ainda dum radicação da preparação para o matrimônio no caminho da iniciação cristã, sublinhando o nexu do matrimônio com o batismo e os outros sacramentos.

É necessário lembrar a importância das virtudes. Dentre elas, resulta ser condição preciosa para o crescimento genuíno do amor interpessoal e da castidade.

São muito uteis os grupos de noivos e as palestras que interessam os jovens. (AL 208)

Na preparação próxima para o matrimônio evidenciou-se a necessidade de programas específicos que sejam verdadeira experiência de participação na vida eclesial e aprofundem os vários aspectos da vida familiar.

Trata-se duma espécie de «iniciação» ao sacramento do matrimônio, que lhes forneça os elementos necessários para poderem recebê-lo com as melhores disposições e iniciar com uma certa solidez a vida familiar. (AL 207)

A preparação da celebração litúrgica

A preparação próxima do matrimônio tende a concentrar-se nos convites, na roupa, na festa com os seus inumeráveis detalhes que consomem tanto os recursos econômicos como as energias e a alegria. (AL 212)

Na preparação mais imediata, é importante esclarecer os noivos para viverem com grande profundidade a celebração litúrgica, ajudando-os a compreender e viver o significado de cada gesto. (AL 213)

Às vezes, os noivos não percebem o peso teológico e espiritual do consentimento, que ilumina o significado de todos os gestos sucessivos. (AL 214)

Frequentemente, o celebrante tem a oportunidade de se dirigir a uma assembleia formada por pessoas que participam pouco na vida eclesial ou pertencem a outra confissão cristã ou comunidade religiosa. Trata-se, pois, duma preciosa ocasião para anunciar o Evangelho de Cristo. (AL 216)

3. ACOMPANHAR NOS PRIMEIROS ANOS DA VIDA MATRIMONIAL

Os primeiros anos de matrimônio são um período vital e delicado... O matrimônio é uma questão de amor: só se podem casar aqueles que se escolhem livremente e se amam. A união é real, irrevogável e consagrada pelo sacramento. (AL 217)

Por outro lado, os esposos tornam-se senhores da sua própria história, um projeto que deve ser levado para frente conjuntamente. (AL 218)

Habitualmente ajuda sentar-se a dialogar para elaborar o seu projeto concreto com os seus objetivos, meios, detalhes.

Em cada nova etapa da vida matrimonial, é preciso sentar-se e negociar novamente os acordos, de modo que não haja vencedores nem vencidos, mas ganhem ambos. No lar, as decisões não se tomam unilateralmente, e ambos compartilham a responsabilidade pela família; mas cada lar é único e cada síntese conjugal é diferente. (AL 220)

Uma das causas que leva a rupturas matrimoniais é ter expectativas demasiado altas sobre a vida conjugal.

Cada matrimónio é uma «história de salvação» rumo a perfeição e plenitude. É possível a mudança, o crescimento, o desenvolvimento das potencialidades boas que cada um traz dentro de si. (AL 221)

O acompanhamento deve encorajar os esposos a serem generosos na comunicação da vida. A escolha da paternidade e da maternidade responsáveis (*Humanae Vitae, Familiaris Consortio, Gaudium et Spes*) pressupõe a formação da consciência.

Os filhos são um dom maravilhoso de Deus, uma alegria para os pais e para a Igreja. Através deles, o Senhor renova o mundo.
(AL 222)

Alguns recursos

Depois da celebração do sacramento o casal deve ser acompanhado pela pastoral. Aqui tem grande importância:

- Presença de casais com experiência**
- Importância da espiritualidade familiar (oração, Eucaristia dominical, a confissão frequente, retiros, direção espiritual, estudos, etc.)**
- Solidariedade nas situações concretas da vida**
- Criar hábitos bons para superar a rotina**
- Movimentos familiares (AL 223-230)**

4. ILUMINAR CRISES, ANGUSTIAS E DIFICULDADES

1. O desafio das crises

A história dum família está marcada por crises de todo o gênero. Quando se assume o matrimônio precisa saber também superar obstáculos. A crise superada amadurece o casal ou a família. (AL 232-233)

Para se enfrentar uma crise, é necessário estar presente! Não se isolar ou resistir. (AL 232-234)

Há crises comuns que costumam verificar-se em todos os matrimônios:

- a **crise ao início** quando é preciso aprender a conciliar as diferenças
 - a crise da **chegada do filho**, com os seus novos desafios emotivos
 - a crise de **educar uma criança**, que altera os hábitos do casal
 - a crise da **adolescência do filho**, que exige muitas energias, desestabiliza os pais...
 - a crise do **«ninho vazio»**, que obriga o casal a fixar de novo o olhar um no outro
 - a crise causada pela **velhice dos pais dos cônjuges**
- (AL 235)**

A estas crises, vêm juntar-se as crises pessoais com incidência no casal, relacionadas com dificuldades econômicas, laborais, afetivas, sociais, espirituais. E acrescentam-se circunstâncias inesperadas, que podem alterar a vida familiar.

Há situações próprias da inevitável fragilidade humana, a que se atribui um peso emotivo demasiado grande. Por exemplo, a sensação de não ser completamente correspondido,

os ciúmes, as diferenças que podem surgir entre os dois, a atração suscitada por outras pessoas, os novos interesses que tendem a apoderar-se do coração, as mudanças físicas do cônjuge e tantas outras coisas que, mais do que atentados contra o amor, são oportunidades que convidam a recriá-lo uma vez mais.

«A difícil arte da reconciliação, que requer o apoio da graça, precisa da generosa colaboração de parentes e amigos, e, eventualmente, até dum ajuda externa e profissional».

Cada crise é como um novo «sim» que torna possível o amor renascer reforçado, transfigurado, amadurecido, iluminado. A partir duma crise, tem-se a coragem de buscar as raízes profundas do que está a suceder, de voltar a negociar os acordos fundamentais, de encontrar um novo equilíbrio e de percorrer juntos uma nova etapa. Com esta atitude de constante abertura, podem-se enfrentar muitas situações difíceis. (AL 236-238)

2. Velhas feridas

As feridas dos passado criam muitas vezes dificuldades nas famílias. A própria infância e a própria adolescência mal vividas são terreno fértil para crises pessoais que acabam por afetar o matrimônio. Se todos fossem pessoas que amadureceram normalmente, as crises seriam menos frequentes e menos dolorosas.

Às vezes ama-se com um amor egocêntrico próprio da criança: tudo deva girar à volta do próprio eu...

Uma relação mal vivida com os seus pais e irmãos, que nunca foi curada, reaparece e danifica a vida conjugal. Então é preciso fazer um percurso de libertação, que nunca se enfrentou.

Quando a relação entre os cônjuges não funciona bem, antes de tomar decisões importantes, convém assegurar-se de que cada um tenha feito este caminho de cura da própria história. (AL 239-240)

3. Acompanhar depois das rupturas e dos divórcios

É preciso reconhecer que há casos em que a separação é inevitável, mas deve ser considerado um remédio extremo, depois que se tenham demonstrado vãs todas as tentativas razoáveis. Por isso descobrimos que «se revela particularmente urgente um ministério dedicado àqueles cuja relação matrimonial se rompeu». A comunidade local e os pastores devem acompanhar estas pessoas com solicitude, sobretudo quando há filhos ou é grave a sua situação de pobreza». (AL 241-242)

1.Quanto às pessoas divorciadas que vivem numa nova união, que fazem parte da Igreja, que «não estão excomungadas» evitando qualquer linguagem e atitude que as faça sentir discriminadas e promovendo a sua participação na vida da comunidade.

Cuidar delas não é um enfraquecimento da sua fé e do seu testemunho sobre a indissolubilidade do matrimônio; antes, ela exprime precisamente neste cuidado a sua caridade». (AL 243)

2. Um grande número de Padres «sublinhou a necessidade de tornar mais acessíveis, ágeis e possivelmente gratuitos os procedimentos para o reconhecimento dos casos de nulidade». Os dois documentos recentes sobre tal matéria do Papa Francisco, levaram a uma simplificação dos procedimentos para uma eventual declaração de nulidade matrimonial.

Isto implica a preparação de pessoal suficiente, composto por clérigos e leigos, que se dedique de modo prioritário a este serviço eclesial. (AL 244)

3. Os Padres sinodais puseram em evidência também «as consequências da separação ou do divórcio sobre os filhos, em todo o caso vítimas inocentes da situação». Eles são a primeira preocupação, que não deve ser ofuscada por nenhum outro interesse ou objetivo.

É irresponsável arruinar a imagem do pai ou da mãe com o objetivo de monopolizar o afeto do filho. (AL 245-246)

4. Algumas situações complexas

1. Os matrimônios mistos requerem uma atenção específica.

Os matrimônios entre católicos e outros batizados “apresentam, na sua fisionomia particular, numerosos elementos que convém valorizar e desenvolver quer pelo seu valor intrínseco quer pela ajuda que podem dar ao movimento ecumênico”. (AL 247)

2. Os matrimônios com disparidade de culto constituem um lugar privilegiado de diálogo inter-religioso (...).

Enfrentam desafios peculiares os casais e as famílias, nos quais um dos cônjuges é católico e o outro não-crente.

Em tais casos, é necessário tornar possível a educação dos filhos na fé cristã. (AL 248)

3. Outro caso é o de peçoas que contraíram uma união matrimonial estável, num tempo em que pelo menos uma delas ainda não conhecia a fé cristã. Os bispos são chamados a exercitar, nestes casos, um discernimento pastoral apropriado ao seu bem espiritual. (AL 249)

4. As peçoas com tendência homossexual. cada peçoas, independentemente da própria orientação sexual, deve ser respeitada na sua dignidade e acolhida com respeito. (AL 250)

Quanto aos projetos de equiparação ao matrimônio das uniões entre pessoas homossexuais, que não existe fundamento algum para assimilar ou estabelecer analogias, nem sequer remotas, entre as uniões homossexuais e o desígnio de Deus sobre o matrimônio e a família.

É inaceitável que os organismos internacionais condicionem a ajuda financeira aos países pobres à introdução de leis que instituem o “matrimônio” entre pessoas do mesmo sexo». (AL 251)

5. As famílias monoparentais. Seja qual for a causa, o progenitor que vive com a criança deve encontrar apoio e conforto nas outras famílias que formam a comunidade cristã, bem como nos organismos pastorais paroquiais.

Além disso, estas famílias são muitas vezes afligidas pela gravidade dos problemas econômicos, pela incerteza dum trabalho precário, pela dificuldade de manter os filhos, pela falta duma casa. (AL 252)

5. QUANDO A MORTE CRAVA O SEU AGUILHÃO

A morte faz parte da vida familiar! Não podemos deixar de oferecer a luz da fé para acompanhar as famílias que sofrem em tais momentos. Abandonar uma família atribulada por uma morte seria uma falta de misericórdia. (AL 253)

A viuvez é uma experiência particularmente difícil! Deve ser acompanhada pela família e pela Igreja. (AL 254)

Consola-nos saber que não se verifica a destruição total dos que morrem, e a fé assegura-nos que o Ressuscitado nunca nos abandonará.

Os nossos entes queridos não desapareceram nas trevas do nada: a esperança assegura-nos que eles estão nas mãos bondosas e vigorosas de Deus.
(AL 255-256)

Uma maneira de comunicarmos com os seres queridos que morreram é rezar por eles. A Bíblia e a Igreja nos dá os fundamentos para isso (2Mc 12,44-45; Ap 6, 9-11) (AL 257)

A morte precisa ser preparada! O caminho é crescer no amor para com aqueles que caminham conosco, até ao dia em que «não haverá mais morte, nem luto, nem pranto, nem dor» (Ap 21, 4). Assim como Jesus entregou o filho que tinha morrido à sua mãe (cf. Lc 7, 15), assim também procederá conosco. (AL 258)